

# O Caminho de Santiago

SONHO, SUPERAÇÃO E REALIZAÇÃO

Antonio Amorim

O Caminho de Santiago  
Sonho, superação e realização

Antonio Amorim

# Agradecimento

A minha mãe (in memoriam)

Por me acompanhar desde os meus primeiros passos

E ter me acompanhando também nos passos desse caminho...

# Apresentação

Tudo começou no ano 2000...

O Caminho de Santiago passou a ser um sonho, alimentado ano a ano...

Cheguei a achar que era o momento e que estava pronto.

Mas o processo de mudança passou por outro caminho.

Negocie em Novembro de 2000 a minha saída do Pólo Petroquímico, onde trabalhei por vinte e dois anos e constituí a minha Consultoria. As reflexões e passos para mudança contei no livro "Construindo Pontes: 10 passos do Aquário (emprego) para o Oceano (trabalho)", Ed. Qualitymark, lançado em Agosto de 2008 no Congresso Brasileiro de Gestão de Pessoas da ABRH Nacional em S.Paulo.

Posteriormente, em 2004, novo sentimento de que deveria fazer esse Caminho.

Lamentavelmente, por conta do agravamento de uma doença da minha saudosa mãe, que veio a fazer a sua "passagem" no mês de Outubro daquele ano, eu acabei desistindo do projeto e dando sequência à vida e aos meus trabalhos.

Já agora no início de 2012 tudo foi diferente, dessa vez, tudo conspirou a favor da realização desse sonho.

Vale aqui contar que em Janeiro de 2011, o meu filho Caio, ao final de um estágio na Universidade de Coimbra, foi com um amigo fazer esse mesmo trecho, de Sarria a Santiago em cinco dias.

Fechei o período de viagem de 01/05 a 12/05 e quando estava montando o roteiro com a agência de viagem, acabei decidindo por deixar sete dias para fazer o trecho de 112 km, deixando duas noites para estar em Barcelona.

Mais adiante, poderemos ver que essa decisão muito mais do que eu imaginava, foi feita em "conjunto" e eu comecei a ter apoio e orientação de onde eu não tinha a menor idéia...

Sai da agência de viagem, com tudo fechado, dia 01/05 sigo para Madri, de lá pego um trem e vou para Sarria, começo a andar do dia 03/05 ao dia 09/05 e no dia 10/05 vou a Barcelona e retorno no dia 12/05.

Seriam sete dias dedicados a fazer o caminho.

Como foi que tudo aconteceu no Caminho e por que concluo que esse Caminho é de fato muito poderoso e que não o fiz sozinho, apesar de andar sempre só, é o que pretendo descrever a partir de agora.

Procurei não gerar expectativas em relação ao que iria acontecer na viagem – “expectativa só serve prá gerar frustração”.

Quando postei a notícia da viagem ao Caminho de Santiago, na rede social Facebook, mais de 90 pessoas curtiram e fizeram comentários.

As decisões que partem do coração, dos sonhos, tocam as pessoas de uma forma diferente.

Mas como dizem os peregrinos quando se encontram e a partir de agora: Buon Cammino!

## Madri – a primeira parada antes do caminho



Em Madri venci um primeiro obstáculo: a crença de que teria dificuldade em me deslocar de metrô.

Venci a tentação de pegar um táxi e seguindo orientações do setor de informações, peguei o metrô e fui até a estação de trem, deposei a mochila e fui até o estádio Santiago Bernabeu, do Real Madri e visitei a sua fantástica estrutura, com direito a “entrevista coletiva” na sala de imprensa.

De volta à estação de trem, via metrô, fiquei estudando o livro de espanhol e li um pouco de um livro que trouxe na mochila, coisa que não mais ocorreu durante a viagem.

Peguei o trem às 22h30 para Sarria e resolvidas algumas questões emocionais e da mente que tinham me acompanhado, acabei dormindo no beliche e acordando às 6h30 na cidade de Sarria.

# SARRIA, O COMEÇO DO CAMINHO – primeiro dia!



“Um caminho de 112 km começa com o primeiro passo.”

Ao chegar à estação de Sarria, um frio intenso e chuva, ainda escuro e me senti completamente perdido, não sabia para que lado iria e nem por onde começar.

Encontrei três americanos que desceram do trem e estavam na mesma situação.

Acabei falando com um espanhol que também estava chegando e ele me disse que entraria no café da estação e me convidou para fazer o mesmo.

Essa foi a primeira “benção” do Caminho!

O local era aquecido, tomei um chocolate e o espanhol, muito gentil me ajudou a reposicionar o saco de dormir na mochila e colocar a capa de chuva.

Seguimos em busca de uma igreja ou albergue para que eu pudesse pegar a credencial dos peregrinos, o que acabei achando em outro café.

Seguimos caminhando juntos, o nome do amigo peregrino é José Antonio – Tony, um rapaz

de 37 anos cuja esposa está grávida e tem mais uma filha.

Quando afirmei que eu tinha 56 anos, que a nossa diferença era grande ele me disse: puxa, você está muito bem!

O diálogo fluía, parecia que já nos conhecíamos...

Ele me contou que o motivo da sua viagem era uma promessa por conta de uma amiga sua ter perdido o primeiro filho e quando ela engravidou do segundo ele fez a promessa – belíssimo motivo!

Contei-lhe que o meu era um antigo sonho, um apelo da alma, sentia necessidade desse mergulho, quem sabe escreveria um livro a respeito.

Procuramos um local para pararmos, mas os albergues estão fechados pela manhã.

Ele dividiu o seu sanduíche de presunto de Parma (jamon) e suco comigo e ainda sobrou um pouco prá um simpático cão preto que nos acompanhou por um tempo.

Quando encontramos uma pousada, onde pretendia tomar o meu café da manhã, ele se despediu de mim, pois só teria quatro dias para fazer o seu caminho.

Tiramos fotos e trocamos os nossos contatos.

Disse-lhe durante a nossa caminhada que o nosso encontro me lembrou um verso do Gonzaguinha, quando diz “a gente nunca está sozinho, por mais que pense estar”.

Mas senti que seria importante deixá-lo seguir o seu caminho, no seu ritmo, e eu respeitar os meus limites.

O meu comodismo me convidou a ficar na pousada, pagando 24 euros e passar o dia descansando, chovia muito e eu tinha dormido pouco desde a viagem do Brasil.

Resolvi contrariar o comodismo, cuidei dos pés que começavam a doer, arrumei a mochila e decidi seguir em frente até onde desse.

Caminhei bem até a cidade de Ferreiros com parada para almoçar a 1,5km antes do Albergue.

Chega um momento do caminho que você não vê ninguém, solidão absoluta, é você e seus protetores espirituais... E no dia a dia, quantas vezes estamos em solidão absoluta, mesmo acompanhados apenas pelos nossos protetores espirituais?

Mas foi muito importante vencer o comodismo e sair em direção ao meu objetivo.

Considero essa uma das importantes vitórias do caminho, a que me fez “decolar” e que mais na frente fez toda a diferença.

Já estou no albergue público de Ferreiros, estrutura muito simples, de banho tomado e dando “férias” pros meus pés... (Penso que quem criou aquela propaganda “use a sandália X e dê férias pros seus pés tinha feito o Caminho de Santiago!).

Agora é pela primeira vez na viagem, experimentar a sensação de relaxar...

Fui jantar num restaurante próximo ao albergue e, após fumar um cachimbo do lado de fora e sob intenso frio, resolvi entrar por volta das 22h30.

Quando cheguei de volta no albergue, encontrei tudo escuro e fechado, na porta tinha um aviso: "encerramos às 22h". Confesso que entrei em pânico. E agora? Um frio intenso e eu vou dormir aqui do lado de fora?

Bati várias vezes na porta e nada... Silêncio total!

O meu espírito notívago tinha me colocado numa enrascada, todos já dormiam e o albergue estava fechado.

Depois de várias batidas na porta, resolvi bater na janela, prá ver se alguém ouvia.

Para a minha sorte, algum anjo da guarda chamou uma peregrina que estava arrumando a cama e esta gentilmente veio até a porta e abriu para mim, agradei por umas três vezes a ela.

Nesse albergue tinham umas vinte pessoas de todas as nacionalidades, mas de brasileiro apenas eu.

Dormi em um beliche e acordei com aquela gente toda arrumando as mochilas para sair, todos antes de mim.

Com os pés já reclamando, cheguei a uma reflexão interessante: os pés sentem mais, mas o maior peso que o peregrino carrega na mochila são mágoas, ressentimentos, medos e preocupações.

Tal qual pude fazer com a mochila e comentarei mais tarde, são mágoas, ressentimentos, medos e preocupações que precisamos abrir mão para seguir em direção ao nosso caminho...

Todos dormem e precisei me arrumar com o albergue às escuras, apenas com a fresta da luz do banheiro.

Essa cena se repetirá em todos os demais albergues: sou o último a dormir e o último a acordar.

# DE FERREIROS A GONZAR – o segundo dia - 18 km de superação pura!



Acordei com a sensação de solidão total!

Em torno de vinte pessoas no albergue, ninguém falava a minha língua, a mochila estava toda desarrumada e ali não tinha ninguém prá me ajudar em nada.

O dia começou trazendo os primeiros obstáculos da viagem: o zíper do corta-vento, um casaco apropriado para a chuva quebrou logo na minha saída, a chuva estava presente e a capa tinha que servir para cobrir a mochila. Tive que andar com o casaco aberto, cobrindo apenas a cabeça.

Quando estava andando recebi uma mensagem no celular, um s, que me incentivava e confortava – os próximos estão juntos mesmo com tanta distância.

Já no caminho, encontrei em um café, duas famílias de brasileiros que faziam o trecho com crianças, todos muito simpáticos e um deles tentou me ajudar com o zíper do casaco, mas não teve jeito, estava mesmo quebrado.

Andamos um trecho juntos até Porto Martin (10 km), vim conversado ora com um ora com outros e com um deles acabamos falando sobre a experiência com os índios, pois ele trabalhava com essa realidade, eles andavam com cajados, coisa que eu ainda não estava fazendo e que depois se tornou fundamental para concluir o trajeto.

Ao chegarmos a Porto Martin, me separei dos brasileiros e fui procurar algumas coisas para comprar, pois eu precisava de outra calça, já que tinha trazido muitos shorts, mas a chuva já me mostrava que eles iriam apenas fazer peso na mochila.

Comprei a calça, band-aid(uma das compras mais comuns da viagem), um relógio(coisa que não uso no Brasil), mas senti que na viagem iria ser importante, pois com a chuva não dava para ficar pegando o celular a todo o momento.

Fui almoçar em um restaurante indicado pela dona da loja de roupas e lá encontrei outro casal de brasileiros, curitibanos e que estavam fazendo um trecho maior, e que comentaram já estavam andando sem as mochilas.

As mensagens, os sinais nos chegam de todas as formas, elas nos buscam, como diz o meu amigo índio Wakay, é preciso que estejamos atentos...

Bem, eu tinha saído de Ferreiros com o objetivo de andar 10 km e chegar a Porto Martin e isso estava feito.

Mas no trajeto com a família de brasileiros, eles comentaram comigo que iriam dormir em Gonzar, o que significava mais 8 km de caminhada.

Eu precisava de uma nova capa, pois a chuva era intensa, a mochila precisava ficar coberta e o casaco estava aberto.

Tive que esperar até 16h para a loja reabrir, pois eles fecham para a "siesta" das 14h às 16h, faça chuva ou faça sol e nesse caso fazia muita chuva...

Consegui comprar uma capa que cobria tudo, inclusive a mochila, mas fui avisado de que era frágil, quase deixei o casaco com o zíper na loja, o que teria sido uma grande besteira.

Saí com ele na mão, mas pensando em largar em algum lugar em que os peregrinos descartam os objetos que não lhes interessam mais.

O relógio comprado na loja já marcava por volta das 16h20 e decidi seguir em frente até Gonzar, enfrentando os 8 km mais distantes da minha vida...

Eles pareciam não acabar nunca, a nova capa rasgou quando parei para descansar e esta sim, tive que largar no caminho.

Voltei a usar o casaco com zíper quebrado e a capa de chuva para cobrir a mochila.

Foi um dos trechos mais difíceis do caminho, estava exausto, não via uma "alma viva" no caminho, só mesmo o propósito e os amigos espirituais a me dar força e me fazer chegar.

Tive que parar para respirar, beber água, estava com muita dificuldade, iria totalizar 18 km naquele dia.

Consegui chegar ao albergue público de Gonzar às 19h, encontrei a família de brasileiros e lhes disse que não sabia se quem tinha chegado ali era eu ou apenas o meu espírito.

Fiquei alguns minutos sentado no beliche em estado de absoluto cansaço físico, mas feliz com a superação.

Durante esse trajeto eu me lembrei do meu quarto ano na Faculdade de Economia, quando decidi que iria concluir o curso que procrastinei no início, que tanto me incomodou, mas que tinha encontrado um sentido no final.

Naquele ano, trabalhando no Pólo, eu saía às 6ham de ônibus e ia direto do Pólo para a Faculdade, voltando também de ônibus depois das 22h30. Certa vez, fiz tudo isso com gesso em um dos pés.

A determinação e o propósito acionam uma força, superação e ajuda superior que desconhecemos, até que ela se faça presente...

Tomei o melhor dos banhos, levei bom tempo cuidando dos pés e fui jantar em um restaurante indicado pelos brasileiros, nos encontramos e nos saudamos.

Quando cheguei ao restaurante para jantar eles me disseram: “você está novo”, risos

## GONZAR A PALAS DE REI – o terceiro dia



O despertar foi mais tranqüilo, inclusive com um tempo maior dedicado ao cuidar dos pés.

Cometi um erro crasso ao vir com um tênis, apropriado, mas muito novo e sem amaciar, estou pagando um preço alto.

Após o café, em um bar ao lado do albergue, comecei a caminhar e achei que não ia dar para seguir. Os pés doíam muito e confesso que olhei pro lado e pensei: por que você não pega um táxi, aproveita a viagem e acaba com esse sofrimento todo?

Nesse momento liguei o celular e lá estava uma mensagem em sms enviada por meu filho Caio, que tinha feito o caminho, dizendo entre outras coisas .."eu também não agüentava colocar o tênis de tão machucado que meu pé estava! Força aí, essa dificuldade faz parte! Bom descanso e raça amanhã! Beijo!

Foi a mensagem, a resposta, o "sinal" que eu precisava para fazer o esforço de começar a caminhar, em marcha muito lenta, respeitando os meus limites, fazendo o que era possível, mas sem abandonar o projeto.

Nesse trecho, uma subida grande e senti que nesse terceiro dia começava a deixar para trás o que me acompanhara em pensamentos e preocupações e a partir daí fiz contato com o objetivo primordial da minha viagem: o que Deus quer de mim? Qual a minha missão daqui para frente?

Essa resposta virá do Caminho...

Todos os peregrinos passavam por mim em seus ritmos, alguns bem velozes e aceitei a minha limitação para andar.

Depois de 1h30 parei para tomar café e escrever um pouco.

As pausas fazem parte fundamental da vida e do caminho...

Quando retomei a caminhada percebi que quando o sangue esfriava a dificuldade para retomar era grande, as bolhas e feridas estavam incomodando demais com aquele tênis que insistia em ser duro e inflexível...

No meio de toda dor, um pensamento me chegou com muita clareza: por maior que estivesse a dor e o desconforto, as adversidades com toda aquela chuva, com o casaco com o zíper quebrado, caminho tortuoso e lamacento, aquele era o meu lugar, o meu momento, não desejava estar em outro lugar!

Depois de mais 1h de caminhada, parei para respirar e encontrei com o casal de brasileiros curitibanos, que tinha conhecido em Porto Marin.

Eles andavam em alta velocidade e sem as mochilas!

Tiramos fotos e caminhamos um pouco juntos, ele me contou sobre a história de San Tiago de Compostela, o apóstolo Tiago que pregou o cristianismo por esse caminho que fazíamos.

Parei para almoçar em um lugarejo chamado Ligonde, por volta das 13h45 e ainda me restam 8 km (sempre eles!) até cidade de Palas de Rey.

Pensei: Que San Tiago me proteja das bolhas e feridas...

Após o almoço encontrei um trecho com muitas rampas e subidas e muita, muita chuva.

Comecei a sentir a necessidade de caminhar com um cajado e entrei em um bar para ver se encontrava, quando passei por um "teste" muito interessante: como disse, chovia muito e no bar não tinha o cajado, mas tinha acesso à internet, coisa que eu não fazia desde a minha saída de Salvador.

Olhei a máquina com internet, ela me "convidou" a sentar e aguardar a chuva passar.

Eu a olhei pensei nos meus e-mails, quantas pessoas teriam acessado o meu Facebook depois da viagem?

Mas, mais uma vez o Caminho venceu: Eu decidi deixar a internet lá e segui debaixo de muita

chuva, sem o cajado, com os pés doendo, mas celebrando o fato de que nada me tiraria do caminho...

Em seguida, em outro lugarejo, em um bar, achei um simpático cajado, que passou a fazer toda a diferença na minha caminhada, a partir dali eu tinha um companheiro inseparável de viagem.

Cheguei a Palas de Rey por volta das 17h e entrei em uma igreja antes de me dirigir ao albergue.

O albergue é privado e o melhor que encontrei até então, com máquina de lavar e secar, internet, serviço de restaurante, um toque de civilização no caminho.

É importante viver e aproveitar o melhor que cada instante nos oferece!

O casal de curitibanos estava hospedado no mesmo albergue e voltou a comentar o fato de estarem utilizando o serviço de transporte de bagagem de mochila e também dos aplicativos para as bolhas dos pés, tomamos uma taça de vinho branco e falamos sobre as experiências do caminho.

# PALAS DE REY A MELIDE – o quarto dia



Acordei com aquela dificuldade tradicional, adicionada a dores por todo o corpo.

E de novo aquele pensamento: Por que não pegar um táxi e acabar com aquelas dores e sofrimento? Tá chovendo muito faz frio...

Dei de ombros ao pensamento e resolvi arrumar as coisas e decidi por utilizar o transporte de mochila, pagando três euros para me livrar daquele peso inútil.

O CAJADO E A MOCHILA – Um capítulo a parte!

Os pés continuavam doendo muito, dificuldade tremenda para começar a caminhar, mas segui no frio e na chuva.

No início do caminho, já sem a mochila, mas com o cajado, uma reflexão interessante:

Impressionante como o cajado me ajudava a caminhar e passou a ser, como já disse, um

companheiro silencioso, mas disponível a ajudar-me e ouvir-me.

Estamos atentos aos apoios que precisamos para realizarmos os nossos caminhos?

Ter deixado a mochila para ser transportada foi outra decisão acertadíssima!

Nada do que ficou lá dentro me fazia falta no caminho.

Ter liberado a mochila representou mais leveza na caminhada, foi só uma questão de priorizar o que eu necessitava.

Quantas vezes carregamos pesos desnecessários, coisas e situações que não nos acrescentam nada?

Até a primeira parada a caminhada foi longa, na verdade eu senti falta apenas de ter trazido uma garrafa de água, mas que não poderia ser o cantil que ficou na mochila, pois era grande para ser carregado.

Quando encontrei um lugar para parar e beber água, eu comi a melhor empanada de todo o caminho e de toda a minha vida: jamon com queijo!

Os pés descansando, água, suco de laranja e empanadas.

A vida necessita de pausas, já disse Drummond e eu acrescento: de pausas e empanadas!

No caminho até Melide, tive uma espécie de visão espiritual: aquele caminho me era muito familiar, quem sabe já estive andando, ou pregando por aqui?

Num lugarejo chamado Furelos, com o corpo muito cansado, os pés doendo muito, entrei em uma pequena igreja e peguei um cartão com uma imagem do Cristo na cruz, com uma das mãos soltas e no verso estava escrito em vários idiomas: "Vinde a Mim todos os que estais cansados de carregar o peso do vosso fardo e Eu vos darei descanso" Mt.11,28

Mais uma mensagem, mais um poderoso sinal no caminho...

Por várias oportunidades, ao longo do caminho eu me remeti mentalmente a essa mensagem e ela me deu muita força para prosseguir, superando cada obstáculo.

# MELIDE A ARZUA – o quinto dia



No início da manhã, uma reflexão a partir de uma mensagem enviada, me deixou uma certeza: fazer algo pelo outro e ficar esperando o retorno são coisas do Ego e geram enorme ansiedade e cobrança.

Fazer algo pela alegria que vai gerar ao outro é amor e nos deixa leve para continuar o caminho...

A caminhada começou com muitas dores nos dedos mindinhos e no calcanhar, com muita dificuldade, lentamente e a “passos de tartaruga”.

Quando eu pensava nos 15 km que restavam até Arzua e desta a Santiago mais 38 km, nas condições em que eu me encontrava, voltei a pensar em desistir, acabar com o sofrimento.

Um táxi passou a ser uma miragem e comecei a ver e cheguei a anotar no celular alguns telefones que encontrei em placas pelo caminho.

Nesses momentos, sentia que perdia o contato com o Caminho, era como se a minha visão se

deslocasse para frente e as dores tomassem conta do pensamento, que só queria alívio.

O que nos tira do “caminho” é o medo de não chegar, de não conseguir, o medo do fracasso.

Quando eu voltava a atenção a cada passo, me fixando naquele momento, lembrando da já citada mensagem que recebi na igreja de Furelos, conseguia seguir e conectar de volta com a beleza do Caminho.

Foi longo o trecho, muito difícil atingir esses 15 km em passos tão lentos, todos passavam por mim, em seus tênis que pareciam leves e adequados e sumiam no caminho.

Mas apesar de toda dor, dificuldade e em alguns momentos de muita irritação, eu não queria estar em outro lugar...

Cheguei, a muito custo em Arzua, uma cidade bem estruturada, com avenidas largas e em um bom albergue privado.

Fiz todo o asseio nos pés, tomei banho e fui em busca de uma farmácia para comprar mais band-aid e a uma loja de esportes para ver se encontrava outro tênis, estava desesperado e não agüentava mais calçar o meu.

Fui atendido por uma atenciosa vendedora que, após eu experimentar vários tênis e não conseguir calçar nenhum, me convenceu a levar uma sandália, tipo franciscana, com solado apropriado para caminhada.

Segundo ela, era comum que os peregrinos trocassem o tênis pela sandália para fazer o trecho restante de 38 km.

A sandália, com o band-aid tornou o calçar suportável e já voltei com ela nos pés.

E se chover amanhã, como é que vai ser? Andar de sandálias na chuva?

Mas isso, era coisa que eu só iria saber amanhã...

Com chuva durante a noite, fiz um lanche em uma delicatessen próxima e fiquei conversado com o dono do albergue, um simpático espanhol, sobre futebol, economia e sobre o Caminho de Santiago.

Ele me falou que ficava impressionado com o poder do Caminho – no seu albergue durante todo o ano vinham pessoas de todo o mundo e comentou ainda que com o livro do brasileiro “Pablo Coelho”, aumentaram as visitas.

Por volta das 23h, com todos já dormindo eu entrei, acessei um pouco a internet e fui dormir.

Nesse dia eu concluí que o “ronco” é um fenômeno mundial, em todos os albergues que freqüentei eu ouvia roncos, já que quando ia me deitar todos já dormiam e vários roncavam...

# ARZUA A PEDROUZO – 19 km e o sexto dia de superação!



Acordei com uma sensação de cansaço acumulado.

Após o longo preparo dos pés e a expectativa pela viabilidade de caminhar com sandálias, ouço um grupo de espanhóis que falavam tão rápido que eu não conseguia entender nada, cantarem uma música familiar: “ai se yo te pego ai, ai, se yo te pego, delicia, delicia, assim você me mata, ai, ai, ai”.

Consegui sair caminhando melhor com as sandálias, as dores nos pés diminuíram e andei mais rápido.

Mais à frente, fiz uma reflexão sobre a decisão de trocar o tênis pelas sandálias:

Com flexibilidade e abertos às mudanças, podemos abrir mão de certas dores para darmos prosseguimento aos nossos caminhos...

Quando os peregrinos passavam por mim, todos de tênis e em alta velocidade (para que

tanta pressa?), me veio outro pensamento:

No tempo das pregações não existiam tênis...

As sandálias, do tipo franciscanas, me fizeram voltar a uma visão espiritual, aqueles que caminhavam próximos a mim, companheiros de caminho teriam sido franciscanos?

Com aquelas sandálias, eu me sentia o próprio franciscano no Caminho de Santiago.

Mas o dia amanheceu com muita chuva e a água entrando na sandália dificultava um pouco em certos trechos.

É impressionante, muita chuva, lama nos pés e nas sandálias, subidas desconfortáveis e eu não quero que ninguém me tire daqui...

Que força tem esse Caminho?

De novo a imagem do Cristo de Furelos e a mensagem não me saem da cabeça...

A parada em Calzada para descansar, escrever e lanchar foi uma benção.

Ainda faltam 13 km até Pedrouzo e 6 km até uma nova parada para descansar e comer alguma coisa.

Avante, peregrino!

O dia continua com intensa chuva e a lama me atrapalha o caminhar com as sandálias, o pé escorrega muito.

O almoço em um bom restaurante foi confortante.

Sigo para Pedrouzo de baixo de chuva mais intensa.

No caminho encontrei uma cadelinha amarela que ficava me olhando. Eu me lembrei da nossa cadelinha que morreu em Dezembro/11 e chamei-a pelo nome dela.

Ela correu em minha direção e fez festa. Repeti e ela fez a mesma festa.

Não estou delirando, são mistérios que ficam com quem os viveu...

Ela seguiu o caminho dela e eu o meu, mas foi algo marcante.

Cheguei a Pedrouzo com o corpo todo doendo, estafado, após os 19 km.

Apesar de sozinho, eu não estou fazendo esse caminho a sós...

Amanhã mais 19 km e com a fé no Cristo e em San Tiago, chegarei ao meu destino!

# PEDROUZO A SANTIAGO DE COMPOSTELA – o sétimo dia, a chegada!



Serão mais 19 km e o último desafio!

Esse trecho foi carregado de muita emoção e magia...

Mas antes, tomei café da manhã com o grupo que estava comigo no albergue – um brasileiro, um argentino e duas venezuelanas.

Durante o caminho me peguei cantando trechos de músicas religiosas, com versos que surgiam na mente, espontaneamente.

Quando entoei o canto da Ave Maria, fui tomado de enorme emoção e senti, ali, a presença da minha querida e saudosa mãe, não tinha dúvidas de que ela me acompanhava por todo o caminho...

Outra visão sobre uma encarnação religiosa e claramente com uma ligação atual.

Chovia muito durante a manhã e tive que parar algumas vezes para trocar o band-aid, pois

caminhava de sandálias e entrava muita lama nos pés.

Parei no Hotel e Restaurante Ruta Jacobea para comer um sanduíche de jamon com queijo e tomar um suco de laranja, tudo isso ao som de Mr. Tamborine, na voz de Bob Dylan – foi um momento para dizer sim ao melhor de cada mundo...

Estou nesse momento, a 11 km de Santiago!

O trecho ainda foi longo e doído, com novas bolhas nos calcanhares.

O sol finalmente chegou, felizmente!

Caminhar com as sandálias agora ficou melhor.

Quando passei por Monte do Gozo, já não perguntava mais quantos km faltavam para chegar a Santiago, aprendi a viver um passo de cada vez no caminho.

Chegando à cidade de Santiago, relaxei o corpo e achei que o caminho estava concluído.

Ledo engano! Quando resolvi perguntar dentro da cidade, onde ficava a Basílica de Santiago, achando que estava na outra esquina, ouvi a “frase amarga dessa realidade”: Mais 3 a 4 km até chegar à catedral.

Estava morto de cansado e com certa impaciência.

Resolvi parar para comer um pedaço de pizza e tomar um suco, lavar o rosto, pegar o cajado e parecendo um “morto-vivo” seguir caminho.

Comecei a avistar a catedral, portentosa, fotos, a visita interna, a obtenção da minha Compostela (o certificado do peregrino).

Decidi voltar à Catedral e nesse momento estava começando a missa das 20h.

Sentamos, eu e o cajado e resolvi acompanhar a missa – outro momento de forte emoção.

Após comungar, me emocionei com o sentimento da presença do Cristo ali e nesse momento uma senhora que estava atrás de mim tocou no meu ombro e me deu uma mensagem que falava sobre “visitar Jesus” e me disse que aquilo “era rico e eu iria gostar”.

Ficou clara a mensagem: o meu caminho é pela via da comunicação e da educação - ajudar as pessoas a ampliarem a consciência sobre si próprias e realizarem as suas transformações. Encontrar parceiros para ampliar o meu negócio e atuação será importante.

Conversei com um padre italiano e sai para respirar o ar de um sonho realizado e que me levou a um reencontro muito especial!

Não tenho nenhuma dúvida de que esse caminho foi “arquitetado” e decidido em outros planos e níveis – “é incrível a força que as coisas parecem ter quando elas precisam acontecer”.

Como já comentei na introdução desse livro, acabei realizando agora em 2012, o trecho que o meu filho fez em Jan 2011, era como se tudo estivesse “escrito nas estrelas”, em um campo de estrelas, uma “compostela”.

Foram 112 km em sete dias, mas o sentimento é que eu andei por toda a minha vida, todos os meus 56 anos, nessa existência, para andar, caminhar, por sete dias, esses 112 km.

Outra coisa que para mim foi “mágica”: O meu filho fez o trecho em cinco dias.

Quando eu fui comprar a passagem, achei que faria em seis dias e mandei colocar sete dias para que eu ficasse curtindo, vivendo o clima da cidade de Santiago.

A verdade é que eu não conseguiria ter feito em cinco, seis, ou oito dias. Menos que sete eu não teria tido condições e com oito o meu corpo já não agüentaria mais.

Então, quem sabia e decidiu que seriam sete dias?

Como um “prêmio” pela caminhada, o recepcionista do Albergue me ofereceu um quarto isolado, pelo fato de que eu sairia muito cedo para pegar o vôo até Barcelona.

Vale o registro de que em função de ter ficado para a missa das 20h, acabei chegando ao albergue depois das 21h, quando a entrada é permitida até as 20h.

A mochila estava lá e o recepcionista me disse que apenas aguardava o Sr. Antonio...

Tudo funciona e tudo conspira a favor, quando um propósito maior e o amor estão presentes...









*CAPITULUM* hujus Almae Apostolicae et Metropolitanae  
Ecclesiae Compostellanae sigilli Altaris Beati Jacobi Apostoli  
custos, ut omnibus Fidelibus et Peregrinis ex toto terrarum  
Orbe, devotionis affectu vel voti causa, ad limina Apostoli  
Nostri Hispaniarum Patroni ac Tutelar **SANCTI JACOBI**  
convenientibus, authenticas visitationis litteras expediat, omni-  
bus et singulis praesentes inspecturis, notum facit: *Dnum*  
*Antonium Ludovicum Miranda Amonim*  
hoc sacratissimum Templum pietatis causa devote visitasse.  
In quorum fidem praesentes litteras, sigillo ejusdem Sanctae  
Ecclesiae munitas, ei confero.

Datum Compostellae die *9* mensis *Maii*  
anno Dni *2012*



*Jenaro Ferniñiz*

Canonicus Deputatus pro Peregrinis

# Barcelona outro caminho, ainda sob os efeitos do Caminho





Viajei de Santiago para Barcelona com os pés em frangalhos. Tive que optar pelas havaianas pois não dava para encostar nada nos dedos mindinhos.

No aeroporto, todos muito bem vestidos e calçados e eu de havaianas preta com bandeira do Brasil, nada a ver com patriotismo...

Em um determinado momento me peguei pensando que poderia ter escolhido uma pedra do Caminho de Santiago para trazer de recordação.

Ato contínuo, outro pensamento me veio como resposta: você não traz pedras do Caminho, o Caminho retira as pedras do seu caminho...

Quando eu comecei a viagem estava lendo um livro interessante, mas desde então não consegui mais abri-lo.

O movimento tem sido de "esvaziamento".

Lembrei do que disse o mestre Raul Seixas "antes de ler o livro que o Guru lhe deu, você tem que escrever o seu".

Ao chegar a Barcelona e na primeira noite, tive a clareza de que tinha deixado o "templo" e

caído diretamente no “mercado” – mercado de tudo que se possa imaginar.

Estava só e muito preenchido em plena multidão, nada do que se apresentava no mundo externo me seduzia ou tirava do processo meditativo em que me encontrava.

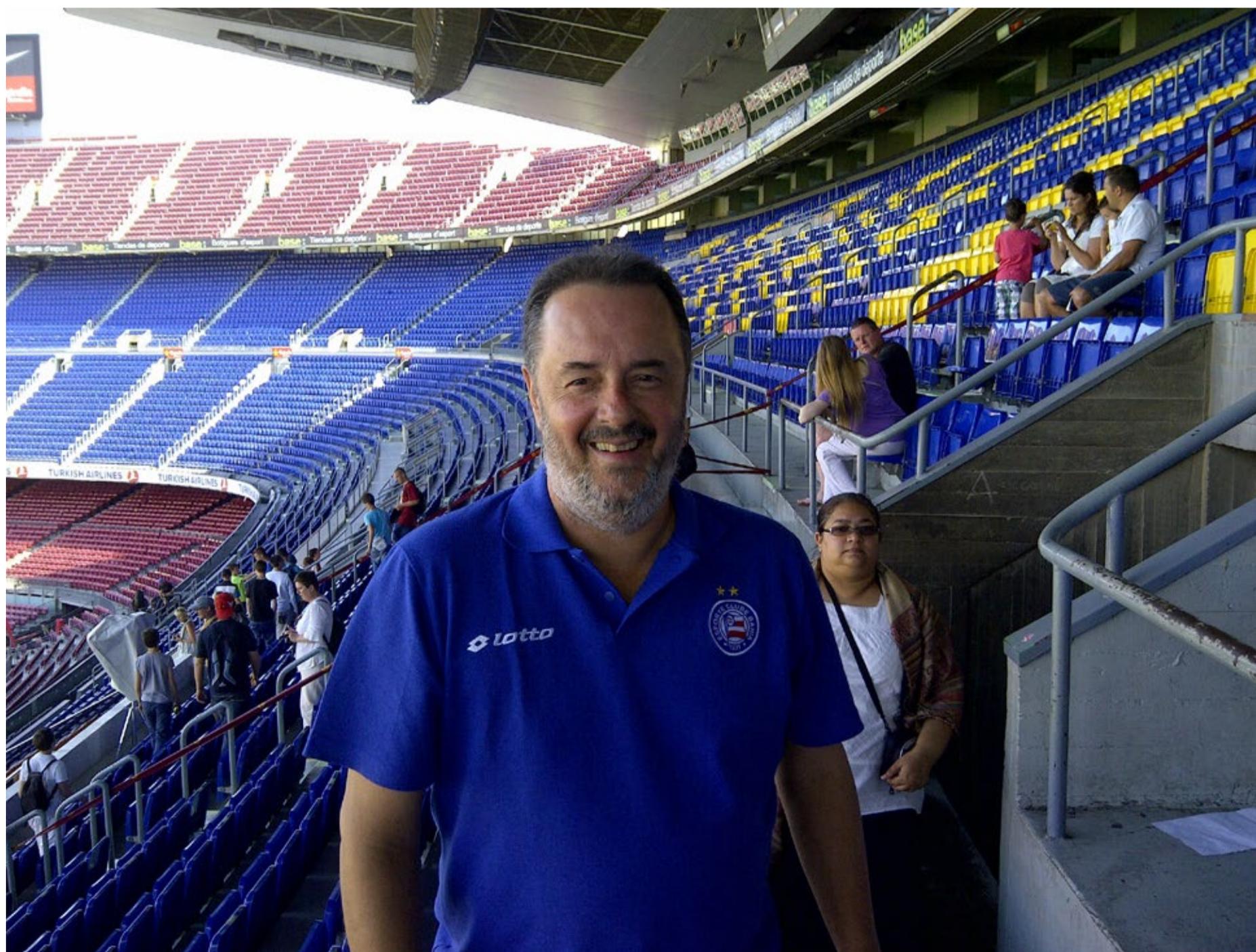
Os diálogos internos eram claros, límpidos, não sentia qualquer traço de ansiedade ou conflito.

As questões que surgiram resolvi no tempo certo, sem perder a harmonia.

Quando algo me incomodava ou sentia pressa, logo me vinha à mente que onde eu tinha que chegar eu já tinha chegado e a quem encontrar eu já tinha encontrado.

Foram dois dias e duas noites tão sós quanto os do caminho, mas na realidade me senti em Barcelona mais só e isso no meio de uma grande multidão.

Dois passeios foram interessantes: a visita ao belíssimo estádio do Barcelona, onde pude tirar fotos com a camisa do meu Bahia que levei na viagem e um roteiro pela cidade no Barcelona Bus, tendo uma boa idéia dessa bela e tão bem planejada cidade.





# De Madri para Salvador – As reflexões sobre o Caminho continuam no vôo!

Faltando umas oito horas para chegar a Salvador, peguei o meu caderno para voltar a escrever, ao invés de ler qualquer coisa.

Quais serão os meus desafios a partir de agora?

O que mudará depois do Caminho de Santiago?

Nesse momento me vem a necessidade de planejar mais os caminhos futuros, mas ao mesmo tempo confiar, tendo a certeza de que não estarei só, como nunca estive durante todo o caminho.

Não há como saber, sem viver e de fato “o mapa não é o território”.

Já disse o poeta Mario Quintana:

“Não penses conhecer a vida nos autores, nenhum disto é capaz, mas à medida que vivendo fores, melhor os compreenderás”.

O que passei e vivi caminhando naqueles sete dias, em condições muito desfavoráveis, com chuva intensa, superando e chegando ao meu destino, não conseguiria experimentar lendo ou ouvindo a vivência de outro, embora pudesse me inspirar.

Eu teria, sim, feito algumas coisas de forma diferente, como me preparando melhor, vindo com um tênis amaciado, roupas de frio mais adequadas, mas tudo foi parte do eterno aprendizado da vida.

Insisto que diante de tudo isso, encontrei uma força que não estava só em mim e para chegar a essa conclusão só vivendo o que eu vivi.

Em incontáveis momentos do caminho pude sentir essa força e sentir a presença de seres que me acompanharam e me ajudaram.

E a força do Cristo é algo extraordinário!

Durante o caminho registrei várias fotos e algumas placas seguem transcritas abaixo:

“Acreditar é uma força

Caminha

Ele é a Verdade!”

-o-

“O véu da ignorância encobre muitas vezes a verdade cruel,

Ao passo que a mentira nestas circunstâncias representa

A melhor companheira da ilusão.”

-o-

“Sinto imensa vontade de saber toda a verdade

Quantas vidas minhas

serão ainda necessárias?”

-o-

“La diversidad de El camino no es comparable a nada”

-o-

Vi durante o caminho gente de todas as partes do mundo, cada um no seu ritmo e propósito, mas o que nos mobilizava era a mesma magia do caminho.

Em Monte Gozo há um registro das peregrinações do Papa João Paulo II e de São Francisco de Assis naquele caminho.

Por várias vezes durante a caminhada eu tive a nítida sensação de que já tinha feito aquele trajeto, algo era muito familiar e com a mudança para usar as sandálias isso ficou mais forte.

Não sei como será no meu retorno para casa, se vou precisar de um tempo para me readaptar ou se já entrarei diretamente na rotina.

O certo é que sinto que algo já mudou e que ainda não consigo decifrar.

Durante o caminho quando eu me perguntava o que eu deveria fazer quando retornasse , quais seriam os meus desafios, vi uma placa que continha a palavra “Sociedade”.

Quando me encontrava na Basílica de Santiago, logo na chegada, coloquei essa questão no meu diálogo com o Cristo e a resposta foi de continuar o meu “pastoreio de almas” através do meu trabalho, apenas ampliando-o.

Ainda ali, ouvi “siga o seu coração, mas não abra mão da razão para tomar suas decisões.

Que grande exercício de equilíbrio: colocar juntos, na mesma mesa, o coração (emoção) e a razão...

Questões importantes sempre estão pedindo decisões: pessoal ou profissionalmente.

Por onde começar? O que priorizar? Que aspectos levar em conta?

Quais as “vantagens, desvantagens e conseqüências”?

“Quero? Devo? Convém?”

Quantas vezes nos perguntamos, sem respostas...

Já dizia o filósofo contemporâneo, Vicente Matheus, que foi Presidente do Corinthians que “o difícil não é fácil”...

Essas questões aqui colocadas me remetem imediatamente a uma reflexão trazida do Caminho: colocar a quantidade de quilômetros que faltavam à mente gerava cansaço e medo de não conseguir chegar, perda do foco e da beleza da caminhada.

Caminhar um passo de cada vez, atento ao que estava ao meu redor, àquela realidade, fazia o tempo passar e me aproximava da chegada.

Talvez por aí, passe a resposta às questões acima.

“A cada dia, a sua agonia”, sábio ensinamento...

A agonia de cada dia, as dores nos pés, o cansaço físico, pés e corpo encharcados pela chuva, trechos de lama pelo caminho, subidas e rampas, mas cada passo e fé me levavam mais perto do meu objetivo.

“Falta menos do que faltava”, me disse o meu pai em uma mensagem, sem saber o tamanho do que faltava e toda a dificuldade, mas era absoluta verdade.

Os vários pensamentos de desistência, o medo de não chegar, da derrota, não foram mais fortes que o desejo e a vontade de fazer esse Caminho.

A conexão espiritual e o sentimento da presença e da força do Cristo – “Vinde a Mim todos os que estais cansados de carregar o peso do vosso fardo e Eu vos darei descanso”, essa mensagem me fez seguir em frente.

A cada trecho vencido, um novo desafio pela frente, uma “corrida de obstáculos” e isso não é diferente da vida cotidiana...

Aqui dentro do avião uma constatação: o “tempo psicológico” é diferente do “tempo do relógio”, não há dúvida disso.

Quando eu estava caminhando por 8 horas ou mais, o tempo passava de um jeito.

Dentro de um avião, onde faltam 8h40 esperando e torcendo pro vôo chegar logo o tempo se arrasta.

É como numa partida de futebol: Se o meu time está vencendo e o juiz dá mais 5 minutos de prorrogação, acréscimo ao tempo normal, esse tempo se arrasta por uma “eternidade”.

O contrário é se estamos perdendo, aqueles 5 minutos irão voar – esse é o tempo psicológico, carregado de expectativas e ansiedade.

O que fica para trás?

Em qualquer caminho e na vida, deixamos algumas coisas e adquirimos outras.

No meu caminho, coisas que por algum tempo tiveram o seu papel e importância, como capa de óculos, toalha de banho, capa de celular, foram sendo avariadas, perdidas e substituídas.

Comecei a caminhada com tênis, a mochila carregada e sem o cajado.

Quando eu cheguei a Santiago, já andava sem a mochila (seguia pelo serviço de táxi), o tênis (substituído nos últimos 38 km pelas sandálias) e andava com o cajado, que passou a ter uma importância vital, além de ser uma espécie de companheiro silencioso.

Essa é a lógica da “única coisa permanente na vida” – aquela a que tanto, por vezes resistimos, mas que se mostra implacável: a mudança!

A minha foto do início do caminho, aquela tirada em Sarria é completamente diferente daquela da chegada a Santiago.

Nem a foto e nem o corpo.

Tenho pés e mãos cortados, com bolhas e dores, as marcas estão no corpo, mas estão mais impregnadas na experiência vivida pela alma.

Foram sete dias, com um “tempo psicológico” muito maior e mais profundo do que o vivido pelo “tempo do relógio”.

O início da viagem, simbolizado pelo peso da mochila, é pesado, carregado de conflitos, medos e desejos do Ego. E tudo está ali, nela, a “louca da casa”, a mente!

Ao final da viagem, tal qual os objetos que foram ficando pelo caminho, que me mostrou que eu precisava carregar apenas o necessário, surgiu o espaço para que o essencial fosse tomando conta de mim e a viagem então é outra “viagem”.

Esse Caminho estará reservado em meu coração e alma para sempre.

Deixei as minhas pisadas lá, trouxe as inúmeras reflexões, fotos e recordações, mas sobretudo o indescritível do encontro – o sentimento da presença viva do Cristo ao meu lado e diante de mim.

O desafio agora é viver, trazer e compartilhar o meu melhor, o melhor do Caminho, respeitando o ritmo, os passos e as escolhas de cada “trecho” de cada companheiro (a) de viagem.

Como o ocorrido em Sarria, na chegada, no encontro com o peregrino Tony, ter consciência do quanto não estamos sós, por mais que pensemos estar e do quanto somos interdependentes e do quanto dependemos de tanta diferente gente, aproveitando os versos do Gonzaguinha.

Tenho um encontro marcado com o amigo Roberto Cunha para conversarmos sobre as nossas experiências do Caminho e ter mais informações dos grupos que fizeram essa viagem mais interna do que externa.

Nesse momento ainda não consigo “ingerir” nada, nem mesmo o que eu próprio escrevi.

É como se “esvaziar” fizesse parte de um desfazer de malas, algo que terei que fazer daqui a pouco.

O fluxo da vida é esse – esvaziar para poder deixar entrar, abrir mão para poder ficar mais leve, apenas com o essencial.

E saber-se interdependente, de pessoas e até mesmo de um cajado, para poder realizar um sonho.

Aos cinquenta e seis anos de idade, tenho o sentimento de que vivi durante todos esses anos, para caminhar por esses sete dias...

← Praza de Cervantes  
Praza do Obradoiro. Catedral

Museo das Peregrinacións →  
Casa Museo da Troia

← Oficinas de Turismo  
Oficina do Peregrino

**! Gran Oferta !**

- 1 TARTA DE SANTIAGO (100 g. S. SANTIAGO & 10 g. AMARILLO) 18€
- 2 BOTELLAS DE RIBEIRO (100 ml. S. SANTIAGO & 100 ml. AMARILLO) 17€
- 3 QUESO DE TETILLA (100 g. S. SANTIAGO & 100 g. AMARILLO)

**! Oferta Súper Especial !**

- 15€ 3 TARTAS DE SANTIAGO (100 g. S. SANTIAGO & 10 g. AMARILLO) 10€

**Santa Real**

2 tartas de Santiago  
3 tartas de Santiago  
4 tartas de Santiago  
5 tartas de Santiago





